



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO EM HISTÓRIA LOCAL
**ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL: SOCIEDADE,
EDUCAÇÃO E CULTURA**

RAFAELA DA SILVA CASTRO BARROS ¹

**RASTROS E REGISTROS ARQUEOLÓGICOS: UM ESTUDO ACERCA DA
CULTURA MATERIAL/ARQUEOLÓGICA E IMATERIAL EM MEIO AS SUAS
LENDAS (POCINHOS –PB)**

CAMPINA GRANDE- PB

16 DE JUNHO DE 2020

¹ Rafaelabarros26081996@gmail.com

RAFAELA DA SILVA CASTRO BARROS

**RASTROS E REGISTROS ARQUEOLÓGICOS: UM ESTUDO ACERCA DA
CULTURA MATERIAL/ARQUEOLÓGICA E IMATERIAL EM MEIO AS SUAS
LENDAS (POCINHOS –PB)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Estudos de História Local: Sociedade, Educação e Cultura. Linha de pesquisa: 1. Espaços, cultura e sociabilidades.

Orientador: Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos

CAMPINA GRANDE- PB

16 DE JUNHO DE 2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B277r Barros, Rafaela da Silva Castro.

Rastros e registros arqueológicos [manuscrito] : um estudo acerca da cultura material/arqueológica e imaterial em meio as suas lendas (Pocinhos –PB) / Rafaela da Silva Castro Barros. - 2020.

39 p. : il. colorido.

Digitado.

Monografia (Especialização em Estudos de História Local, Sociedade, Educação e Cultura) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020.

‘Orientação : Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos , Departamento de História - CEDUC.’

1. Sítio arqueológico. 2. Arte rupestre. 3. Cultura arqueológica. 4. Imaginário local. I. Título

21. ed. CDD 930.1

RAFAELA DA SILVA CASTRO BARROS

**RASTROS E REGISTROS ARQUEOLÓGICOS: UM ESTUDO ACERCA DA
CULTURA MATERIAL/ARQUEOLÓGICA E IMATERIAL EM MEIO AS SUAS
LENDAS (POCINHOS –PB)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Estudos de História Local: Sociedade, Educação e Cultura. Linha de pesquisa: 1. Espaços, cultura e sociabilidades.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos



Prof. Ms. Thomas Bruno de Oliveira



Examinador externo Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tão pouco a sociedade muda.”

Paulo Freire, 1996.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS: CONCEITOS E DEFINIÇÕES.....	7
2.1 OS SÍTIOS RUPESTRES: TIPOLOGIAS.....	9
2.2 POCINHOS: UM MUNICÍPIO PARAIBANO RICO EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS	13
2.3 OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA PEDRA DO TATU E PEDRA DA COBRA: DUAS OCORRÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS NO AGRESTE DA PARAÍBA E SEU ENQUADRAMENTO DENTRO DA TRADIÇÃO E ESTILO	18
2.4 A ANÁLISE DAS PINTURAS E GRAVURAS RUPESTRES.....	21
3. OS MITOS E AS LENDAS ENQUANTO HISTÓRIA: O QUE É MITO?	23
3.1 O QUE SÃO LENDAS? COMO SURGEM?	24
3.2 A LENDA DA COBRA NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA DA COBRA E AS PINTURAS DE CABOCO BRABO NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA DO TATU.....	26
4. A LENDA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA DA COBRA E DO SÍTIO DA PEDRA DO TATU AOS OLHOS LOCAIS	28
4.1 A RELAÇÃO DA EXISTÊNCIA DO “TESOURO” COM A PRECIOSIDADE DA ÁGUA NO SEMIÁRIDO NORDESTINO.....	30
4.2 A LENDA DA COBRA E SUA RELAÇÃO COM A FAUNA LOCAL.....	31
4.3 O DESCONHECIMENTO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA DA COBRA PELAS NOVAS GERAÇÕES	32
5. AS LENDAS E MITOS ACERCA DA PEDRA DO TATU.....	32
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
FONTES DE PESQUISA	34
REFERÊNCIAS.....	35
AGRADECIMENTOS.....	37

RESUMO

O presente escrito fruto do trabalho de conclusão do curso de Especialização em História Local vinculada ao NUPHEL, tem o objetivo de fazer um estudo acerca de duas ocorrências arqueológicas na zona rural do município de Pocinhos-PB, sendo uma de pinturas rupestre e a segunda de gravuras rupestre. Além de buscar estudar estes patrimônios arqueológicos ainda inexplorados, buscamos fazer uma relação entre estes espaços e as lendas existente no imaginário local, conhecidas por meio da fonte oral, que carregam consigo alguns signos enigmático e fantástico a serem desvendados. Por outro lado, buscamos pensar a relação entre as lendas e algumas possibilidades existentes na fauna da região assim como a relação das novas gerações com estes patrimônios. Para embasar nossa pesquisas faremos uso dos conceito/definições da pesquisadora Gabriela Martin (1993) de Tradição Nordeste, Agreste e Itacoatiara, buscando enquadrar os sítios arqueológicos aqui estudado nas definições colocadas pela pesquisadora, além de enquadrarmos o sítio arqueológico com ocorrências de gravuras rupestres (Itacoatiara), Pedra da Cobra, na subtradição Ingá criada pelo pesquisador paraibano Juvandi de Souza Santos (2015). Após descrevermos o enquadramentos e as definições destes espaços, fizemos uso da fonte oral para discutirmos a relação entre estes sítios arqueológicos e as lendas locais a luz do depoimento dos senhores Sebastião e Otávio, antigos moradores da região, assim como a falta de sentimento de pertencimento e conhecimento da existência destes espaços pelas novas gerações.

PALAVRAS-CHAVE: Sítio arqueológico. Enquadramento. Imaginário local.

ABSTRACT

The present written result of the conclusion work of the Specialization Course in Local History linked to NUPHEL, has the objective of making a study about two archaeological occurrences in the rural area of the municipality of Pocinhos-PB, one of rupestrian paintings and the second of rock engravings. In addition to seeking to study these still unexplored archaeological heritage, we seek to make a relationship between these spaces and the legends existing in the local imagination, known through the oral source, which carry with them some enigmatic and fantastic signs to be unveiled. On the other hand, we seek to think about the relationship between the legends and some possibilities that exist in the fauna of the region as well as the relationship of the new generations with these heritage. To support our research, we will use the concept / definitions of the researcher Gabriela Martin (1993) of Tradição Nordeste, Agreste and Itacoatiara, seeking to frame the archaeological sites studied here in the definitions placed by the researcher, in addition to framing the archaeological site with occurrences of rock engravings (Itacoatiara), Pedra da Cobra, in the Ingá subtradition created by Paraíba researcher Juvandi de Souza Santos (2015). After describing the frameworks and definitions of these spaces, we used the oral source to discuss the relationship between these archaeological sites and local legends in the light of the testimony of Mr. Sebastião and Otávio, former residents of the region, as well as the lack of feeling of belonging. and knowledge of the existence of these spaces by the new generations.

KEYWORDS: Archaeological Site. Framing. And Local Imager

1. INTRODUÇÃO

A escolha de um objeto de estudo está emersa em uma série de fatores que serão determinantes para o surgimento de novas pesquisas e que ganharão formas tornando-se contribuições para as “ciências humanas”. Estes fatores que vão desde o lugar social do autor, ou mesmo das teorias que este faz uso para responder os questionamentos de que suas pesquisas partem. Nascida em uma comunidade rural do município de Pocinhos-Pb, sempre estive em contato direto com a caatinga e suas enigmática formações geológicas. Entretanto, foi apenas nos anos finais do ensino médio que pude conhecer os sítios arqueológicos da Pedra do Tatu e Pedra da Cobra existente nas proximidades de minha casa.

Enveredando-se pelo curso de história, e apesar de trabalhar em projetos de extensão voltados para o ensino acerca dos sítios arqueológicos de minha cidade durante três anos, acabei me dedicando a história da educação, deixando as fontes arqueológicas existente em minhas proximidades, carecendo de maiores pesquisas. Entretanto, com ingresso no curso de Especialização em História Local, busquei pensar quais definições técnicas e classificação já existentes, os sítios arqueológicos Pedra do Tatu e Pedra da Cobra, localizados no município de Pocinhos-PB, poderia ser inseridos. Quais tradições, sub-tradições e estilo? Qual a relação existente entre estes espaços e sua comunidade? Além disso, como podemos pensar a lenda que permeia o imaginário local relacionada a Pedra da Cobra, e sua relação para com as novas gerações.

Estes foram os nossos principais questionamentos que seriam responsáveis por desencadear minha pesquisa. Diante disto, e buscando os estudos já existentes acerca da temática, não poderia deixar de fazer uso das contribuições de Gabriel Martin (1993) sobre as definições de pinturas rupestres em Tradição Nordeste e Tradição Agreste, que nos permite perceber com muita clareza por meio de suas diferenciações entre os estilos das pinturas, a qual delas nosso objeto de estudo enquadram-se. Para além das pinturas rupestre a autora também nos coloca a Tradição Itacoatiara e suas características, que nos possibilitou o enquadramento do sítio arqueológico Pedra do Tatu em Tradição Agreste, e o segundo, o Sítio Arqueológico Pedra da Cobra na Tradição Itacoatiara. Por outros lado, e buscando uma referência mais local, fizemos uso da obra “Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?” Do pesquisador Juvandi de Souza Santos (2015), nos possibilitando a partir de suas pesquisas acerca de subtrações enquadrá-lo ainda na subtradição Ingá. Assim, partiremos a pensar ainda por meio da utilização da fonte oral qual a relação e possibilidades existente entre a lenda da cobra, pertencente ao imaginário local, e o sítio arqueológico Pedra da Cobra, assim como os

relatos locais e as inscrições rupestres da Pedra do Tatu. Por outro lado buscamos analisar qual a relação destes espaços com as novas gerações e as possibilidades de preservação do mesmo.

Nosso trabalho está dividido em três tópicos, sendo o primeiro responsável pela definição, descrição e análises dos sítios arqueológicos aqui estudado, Pedra da Cobra e Pedra do Tatu. No segundo, nos deteremos a pensar e fazer uma reflexão acerca de qual a definição de mito e lenda, tendo em vista que no terceiro momento estaremos fazendo uma relação entre a lenda da cobra e o sítio arqueológico Pedra da Cobra observando questões como a fauna, flora e experiências vivada no local; assim como as histórias contadas acerca daqueles que deixaram gravadas as pinturas rupestres da Pedra do Tatu e a visão local acerca destes grafismos, não deixando de tocar na relação existente entre estes espaços e as novas gerações.

2. OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Quando pensamos em sítio arqueológico este termo nos soa como de fácil compreensão e definição. Entretanto este pode ganhar diversos significados quando pensado de formas mais profunda. O termo *Sítio* define não somente uma espacialidade, uma comunidade ou propriedade rural, como também buscando a conceituação em português, o termo advém do franco-anglo-normando, podendo ser definido a partir da derivação regressiva de *sitiar*, que significa ato ou efeito de sitiado (cerco) perseguição, assim como outras definições que o conceito de sítio pode ganhar de acordo com a área em que esteja veiculado (BRASIL, 2018, p.1).

Já o conceito de Arqueologia deriva do termo grego *arkhê* “O que veio primeiro” e *logos* que significa estudo. Desta forma poderíamos defini-lo como o estudo em um espaço que veio do antigo, porém esta seria uma definição problemática. Se pensarmos atualmente a arqueologia não dedica-se apenas aos estudos dos artefatos, espaços ou comunidades produzidas pelo homem no passado, estaríamos desta forma negando a arqueologia do presente (BRASIL, 2018, p.1).

Segundo a Constituição Brasileira, expressa na Lei nº 25/1937, que denomina inicialmente os sítios arqueológicos de “bens de Interesses arqueológicos”, os definem como

Art. 2º - Considera-se monumento arqueológico ou pré-histórico:

a) as jazidas de qualquer natureza, origem ou finalidade, que representem testemunhos de cultura dos paleoameríndios do Brasil, tais como sambaquis, montes artificiais ou tesos, poços sepulcrais, jazigos, aterrados, estearias e quaisquer outras não especificadas aqui, mas de significado idêntico a juízo da autoridade competente.

b) os sítios nos quais se encontram vestígios positivos de ocupação pelos paleoameríndios tais como grutas, lapas e abrigos sob rocha;

c) os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, "estações" e "cerâmios", nos quais se encontram vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleoetnográfico;

d) as inscrições rupestres ou locais como sulcos de polimentos de utensílios e outros vestígios de atividade de paleoameríndios.

É possível perceber na lei acima apresentada a definição de sítio arqueológico voltado aos chamados espaços naturais, pensando somente aqueles vestígios deixados em um período mais remoto. Segundo Campos (2018), que busca definir o conceito de sítio arqueológico baseada em diversas referências nacionais e internacionais a exemplo de Willey e Phillips (1954), Bannig (2002), Schiffer (et al, 1978) e outros, define arqueologia como sendo:

Neste sentido, observa-se que, de modo geral, tem-se considerado como sítio arqueológico todo local onde há vestígios da passagem de grupos humanos que habitam ou habitaram o território nacional e que, na compreensão do arqueólogo, tenham suas feições reconhecidas especificamente através dos métodos próprios da arqueologia e foram cadastrados no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do Sistema de Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico (CNSA/SGPA) após a anuência e diagnóstico de técnicos e arqueólogos do IPHAN (BRASIL, 2018, p.1).

Sendo assim, podemos considerar sítios arqueológicos os espaços que contém vestígios deixando pelas ações humanas, estes que podem estar passíveis de um prolongado trabalho de escavações ou mesmo a análise de construções históricas que nos permite pensar como viviam os homens de determinadas épocas e observar signos de suas culturas, assim como o ambiente natural em que estes estavam inseridos.

Desta forma, após pesarmos a definição do conceito de sítio arqueológico em meio a seus desdobramentos partiremos agora a elencar algumas possibilidades de análise entre os mais estudados sítios arqueológicos. No litoral é frequente a presença dos chamados Sambaquis, montes de conchas deixados por comunidades indígenas ao longo dos anos e que no permite, através dos achados nestes espaços constatarmos além da alimentação enjerida por aquele grupo, também alguns instrumentos utilizados em suas empreitadas pela sobrevivência².

Além dos Sambaquis, elenquemos outros dois sítios arqueológicos de suma importância para os estudos da história da humanidade através da arqueologia que são os cemitérios e os cerâmicos. Através dos achados em cemitérios escavados é possível perceber informações

² E outras informações que são buscadas constantemente pelos estudiosos destes sítios arqueológicos.

como: Características físicas, rituais funerários, formas de enterramentos, ferramentas utilizadas, alimentação ingerida, entre outras informações que podem ser comprovadas através de restos mortais de nossos antepassados.

E, por fim, pensemos aquele que será nosso objeto de estudo no presente trabalho, que são as inscrições rupestres deixadas em paredões rochosos por diversos grupos humanos em todo o mundo, que nos permite perceber signos de suas culturas, técnicas de confecções, desta hoje considerada arte, sejam elas pinturas ou gravuras rupestre. Estas inscrições que muitas vezes retratam animais existente na fauna local na época em que viveram determinados povos, entre outras particularidades, são passíveis de serem conhecidas acerca destes grupos humanos, a partir dos vestígios deixados por estes em espaços naturais que hoje chamamos de sítios arqueológicos.

2.1 OS SÍTIOS RUPESTRES: TIPOLOGIAS

Acima pensamos as ramificações e significados que o termo sítio arqueológico pode carregar. No presente tópico, buscaremos pensar os sítios rupestres e suas tipologias baseados nas observações de José de Azevedo Dantas (1994) que ao enveredar pelos solos áridos paraibanos registrando e desenhando em suas anotações as pinturas e gravuras rupestres que encontrava em suas andanças entre os anos de 1924 e 1926, que acabou por nos fornecer raríssimas informações acerca das riquezas arqueológicas existentes em terras nordestinas, algumas hoje já apagadas.

Além de pensar a luz do escrito de José de Azevedo Dantas utilizaremos ainda as reflexões de Gabriela Martin ao definir as tipologias de sítios rupestres na apresentação do manuscrito do autor acima citado, publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico Paraibano pela editora A União no ano de 1994. Assim como a obra de Juvandi de Souza Santos intitulada “Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá”.

Como afirma Dantas (1994), e alguns estudiosos que se dedicaram a pensar as inscrições rupestres, muitas vezes esses registros estão carregados por superstições, acreditando os primeiros a encontrá-las que seriam impressões antigas que terem sido produzidas pelo criador do mundo ao passar o seu dedo na rocha “*pelo dedo do criador*”. As enigmáticas inscrições pintadas ou gravadas nos paredões rochosos são passíveis de diversas interpretações pelos populares e em sua grande maioria estão veiculadas a lendas sobrenaturais. Entretanto como afirma Gabriela Martin (1993), já em 1925 José de Azevedo Dantas as percebé-la como

resultado de vestígios deixados por civilizações antiquíssimas como o próprio título de sua obra coloca:

Prescrutando bem a impressão desses desenhos e o sentido que elles revelam poude concluir de que, não se trata da existência de gentio brasileiro e sim de uma antiquíssima civilização prehistórica, talvez dos tempos neolíticos, pelas formas e signaes que apresentam essas figuras em contraste com as indígenas, historicamente conhecidas (DANTAS, 1994, p. 31).

Estas marcas que se apresentam em gravuras rupestres sendo as inscrições gravadas nas pedras por técnicas especificam como picoteamento ou fricção, que se encontram geralmente em paredões rochosos localizados em leito de rios e que são também conhecidas como Tradição Itacoatiara. E uma segunda, as pinturas rupestres produzidas por meio de pigmentação com tintas produzidas por elementos presentes no meio natural em que estão localizadas e com “*tecnologia*” à ponto de resistirem a milhares de anos em meios aos intemperes naturais. Assim como coloca Dantas

Logo em principio, estudando a natureza dessas figuras quis me parecer que duas civilizações, dous povos, diferentes deixavam ahi patente as suas pegadas. Esta sugestão manifestou-se ao observar que as figuras humanas e de animais gravados a tinta vermelha se acham completamente separadas dos hyeroglyphos cavados nas rochas (DANTAS, 1994, p. 38”).

Entretanto, mais a frente o autor coloca que pensando chega a conclusão que estas inscrições são na verdade que “cada um dos casos tinha a sua verdadeira razão de ser quanto a probabilidade de uma única civilização” (DANTAS, 1994, p. 39). Teria sido as gravuras e pinturas rupestres resultados de um mesmo povo com objetivos distintos? Ou resultado de povos em temporalidades distintas?

Para pensarmos estes questionamentos, voltemos nossos olhos as tipologias existentes nos sítios rupestres a luz de suas tradições e subtradições. Tradição, um conceito utilizado para definir as características em que podemos enquadrar as inscrições rupestres. Esta que já havia sido pensada por volta de 1925 por José de Azevedo Dantas que percebia acerca das gravuras e pinturas rupestres como registro que os povos deixaram patentes as suas pegadas, adiantando em cinquenta anos às divisões que separam hoje os registros rupestres no Brasil, conhecido como **tradição** (DANTAS, 1994, p. 8)³. Por outro lado a própria Gabriela Martin pensa também o conceito de Tradição como

³ Palavras de Gabriela Martín ao escrever a apresentação do livro *Indícios de Uma Civilização Antiquíssima*, que será citada de forma frequente em nosso trabalho, com o objetivo de pensarmos as tipologias e classificação de pinturas e gravuras rupestre.

O conceito de “tradição” compreende a representação visual de um universo simbólico primitivo que pode ter sido transmitido durante milênios, sem que necessariamente os sítios de uma tradição pertençam aos mesmos grupos culturais, podendo inclusive estar separado por cronologias muito distantes.(DANTAS, 1994, p. 15).

Estas tradições que por sua vez são divididas em três: Tradição Nordeste, Tradição Agreste e a Tradição Itacoatiara. Cada uma desta carrega consigo característica específica sendo possível enquadrar os registros deixados pelas civilizações antigüísimas mesmo que estes tenham sido produzidos em temporalidades distintas.

Conforme afirma Santos (2014), ao pensar as mudanças climáticas e ambientais, ocorridas após a última Era Glacial, por volta de 6.000 a.C. um novo estilo de arte rupestre começa a surgir, resultado do contato dos caçadores nômades com a cultura do Oriente Médio considerada mais avançada, passando as pinturas rupestres a representarem cenas com seres humanos, animais e em especial a representação de movimento dos próprios caçadores (SANTOS, pp. 44-45):

Nos painéis com pintura da tradição **Nordeste**, podemos identificar grande variedade de armas e de adornos, tais como penas e pinturas corporal, além de curiosas cenas de caça, luta, cópula e parto. Através do realismo das cenas, que se espalham nas rochas, podemos conhecer detalhes inesperados da vida cotidiana do homem pré-histórico que povoaram os sertões nordestinos (DANTAS, 1994, p. 16).

Por outro lado nos temos as chamada tradição Agreste produzida por povos pré-históricos por volta de 5.000 anos antes do tempo presente, e que se espalham por todo o Nordeste do Brasil. Esta é uma tradição que se apresenta de forma menos sofisticada em relação à primeira, sendo marcante a presença de figuras grandes, com menos detalhes, estáticas e a marcante figura antropomorfa e como defende Martin:

As principais características das pinturas rupestres de tradição **Agreste** são só grafismos de grande tamanho, geralmente isoladas e sem formar cenas. Quando estas existem, são sempre formadas por poucos indivíduos e animais. Típica da tradição Agreste é a figura de um antropomorfo, as vezes em grande tamanho isolado e estático, como uma figura totêmica, que se encontra nos sítios desta tradição por todo o Nordeste (DANTAS, 1994, p. 17).

E por fim temos a Tradição Itacoatiara, esta que nas palavras de Martin ainda não muito estudada, mas que vem sendo o objeto de estudo de vários pesquisadores. Esta é caracterizada por ser encontrado sempre em curso de rios, riacho, onde há ou Houve a presença de água, artigo de grande procura no semiárido nordestino. Esta que é caracterizada da região Nordeste

e que predomina grafismos esquemáticos, mas não deixa de apresentar a figuras antropomorfas inclusive com atributo sendo encontrado em grande número pelo vale do Rio São Francisco.

Como referência temos no Nordeste a Itacoatiara da Pedra do Ingá conhecida desde o tempo da colônia. Trata-se de uma grande formação rochosa com inscrições enigmática marcada pela presença de capsulares, constelações e inúmeras figuras ainda indecifráveis. Que dá origem ao que vem ser a chamado de Subtradição Ingá, que são uma serie de gravuras rupestres que circunda a região em que se localiza um sítio referência, que neste caso é Sítio Arqueológico da Pedra do Ingá, mas principalmente que possuem características comuns que as enquadrem nesta tradição como afirma Santos (2015).

1. Presença de capsulares; 2. Sulcos desordenados em painéis; 3. Sulcos ordenados em painéis; 4. Posicionamento dos painéis e do bloco suporte em cursos d'água ou próximos a eles; 5. Formas curvas das gravuras rupestres; 6. Pontos gravados ordenadamente, dando impressão de linhas de contagens; 7. Pontos gravados desordenadamente; 8. Denso preenchimento dos painéis; 9. Técnicas observadas na confecção das gravuras rupestres: picoteamento, raspagem e baixo relevo (meia cana) e polimento (SANTOS, 2015, p. 63).

Desta forma, e após pensar os sítios arqueológicos em suas tipologias Tradição Nordeste, Tradição Agreste e Tradição Itacoatiara e Sub-tradição Ingá, como podemos observar nas figuras 1, 2 e 3 abaixo, sendo os sítios arqueológicos uma de nossas principais fontes na construção do presente trabalho, um contendo pintura rupestre de tradição Agreste e um segundo de Tradição Itacoatiara subtradição Ingá, partiremos agora para pensar o município em que nossas fontes materiais se encontram, abordando sua historicidade, riqueza em sítios arqueológicos, características geográfico e estado de conservação destes espaços patrimoniais.

Figuras 1: Sítio arqueológico de Tradição Nordeste.



Créditos da imagem: Juvandi de Souza Santos.

Figuras 1: Sítio arqueológico de Tradição Agreste.



Créditos da imagem: Juvandi de Souza Santos.

Figura 3: Sítio arqueológico de Tradição Itacoatiara.



Créditos da imagem: Juvandi de Souza Santos.

2.2 POCINHOS: UM MUNICÍPIO PARAIBANO RICO EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Pocinhos é um município que se localiza no Cariri paraibano, na Região Metropolitana de Esperança. De acordo com o IBGE (2016), sua população era estimada em 18.451 habitantes. Área territorial de 630 km². Em Pocinhos está localizada a Lagoa Salgada, que junto com os municípios de Montadas e Areial, formam a nascente do Rio Mamanguape. Assim como outros municípios paraibanos é relativamente jovem em sua emancipação política, entretanto assim como afirma Oliveira (2019) teve início com a criação da Aldeia Tapuia de Campina Grande por meio das expedições de Teodósio de Oliveira Ledo por volta do ano de 1697, sendo o território que hoje corresponde ao município de Pocinhos concedido em 23 de abril e 1765 a Bárbara Maria da Pobreza viúva do tenente Dionísio Gomes Pereira como podemos observar na obra de Oliveira (2019):

Seguindo essa mesma norma de exploração, cem anos depois, no dia 23 de abril de 1765, foi concedida a Bárbara Maria da Pobreza, viúva do tenente Dionísio Gomes Pereira e filha de Sebastião Gomes Correia e Maria Gomes de Assunção – que possuía outras sesmarias na região desde 1736-, nascida por volta de 1730 em Goiana, Estado de Pernambuco, mas uma data de sesmaria, no arredores da Aldeia de Campina Grande, em cujas terras surgira, mas já vinham sendo exploradas para a criação de gado e plantação de lavoura de subsistência [...] (Oliveira, 2019. pp.17-18).

Apesar de testemunhar a construção de sua primeira capela nos anos de 1815-1817 autorizada pelo bispo de Olinda e Recife José Ayres de Leal e com este o surgimento do povoado de Pocinhos, este município permanecerá pertencente a Campina Grande até o ano de 1953 quando por meio de ações junto ao Governo do Estado e a Assembleia Legislativa do então Pároco do Distrito, que por alguns anos passa a ser denominada de Joffily em homenagem

a família Joffily, mas que nem estes o chamavam assim, o Distrito de Joffily é emancipado e passa a ser oficialmente denominado de Pocinhos.

Para além, de sua atuação no processo de emancipação política do município de Pocinhos “o Padre” José Augusto da Silva Galvão, que chega ao Distrito no ano de 1938 para assumir a missão de sacerdócio daquela localidade, também vai ser responsável pela construção de obras como: O Primeiro Curso Ginásial do Município, O Mercado Público, o Hospital/Sanatório São José e outras que serão de fundamental importância para o desenvolvimento econômico e social do agora município de Pocinhos, a exemplo dos incentivos na plantação e exploração do sisal (agave), que se tornaria principal atividade econômica do município de Pocinhos durante o que a população denomina de “Anos Dourado” do município, chegando a exportar sua mercadoria para países como Estados Unidos, como podemos observar no relator concedido pelo senhor Vicente Victor a Manoel Clemente da Penha publicado na obra “Epopéia do Sisal” em 1998.

Eu comecei em 1963, a produção, quando eu comecei aqui em Pocinhos era cerca de duzentas e cinquenta a trezentas toneladas por semana, hoje está em torno de cem toneladas pra baixo e mesmo assim de fibra de baixa qualidade, agora a fibra aqui já é em si, cinquenta por cento de péssima qualidade e ainda é a região que existe fibra boa, ainda é Pocinhos (PENHA apud VICENTE VICTOR, 1998, p. 101).

Entretanto pensar de forma mais detalhada as atividades econômicas do presente município não está entre nossos objetivos no presente trabalho. Portanto nos limitemos a pontuar que atualmente o município dedica-se a atividade agropecuária, a indústria e a serviços, sendo uma parcela considerável de sua população empregada em cidades circo vizinha como Campina Grande e Esperança. Assim, após pontuarmos alguns signos do contexto do município de Pocinhos, partimos a pensar esta localidade, conhecida internacionalmente como Cidade das Pedras por possuir a maior Pedra do Mundo em extensão aflorada, busquemos pensar o município de Pocinhos como detentor também de um considerável número de sítios arqueológicos, conhecidos e muitos ainda a serem descobertos.

Dentre estes, podemos encontrar sítios paleontológicos como o Sítio Lagoa Salgada, que se localiza entre Pocinhos-PB, Montadas-PB e o município de Areial-PB, onde fora encontrado resquícios um mastodonte no ano de 2006 por uma equipe veiculada a Universidade Estadual da Paraíba (Santos e Mendes). Como o próprio nome do local sugere, trata-se de uma lagoa, que fica seca durante a maior parte do ano, mas que devido ao nível de salinidade de seu

solo, não nascem plantas neste local, cercando o espaço de diversas lendas e encanto. É inegável o potencial arqueológico e paleontológico da área aqui referida, na possibilidade de encontrar novos vestígios de animais de nossa megafauna, entretanto outros estudos ainda não foram realizados no local.

Outros sítios arqueológicos do município de Pocinhos, também já receberam a visita de equipes especializadas buscando vestígios do homem pré-histórico, a exemplo do sítio arqueológico do Lajedo do Cruzeiro⁴, que se encontra na orla urbana do município no qual foram realizadas escavações no ano de 2017 por realização do Núcleo de Pesquisas Arqueológicas e históricas (NUPEAH-UFAL/Campus Sertão), do Instituto Memorial da Borborema e da Prefeitura Municipal de Pocinhos e do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB, sendo encontrado durante as escavações adorno fúnebre que podem contribuir para pensarmos os rituais fúnebres dos índios que ali habitavam, desde que respeitando as limitações, por ser este um Sítio Arqueológico que já havia sofrido interferências externas de animais e de seres humanos, o que dificulta as interpretações e estudos dos materiais ali coletados.

Figura 4: Atividades arqueológicas realizadas no Lajedo do Cruzeiro.



Créditos da imagem: Juvandi de Souza Santos.

Bem distante do centro do município, temos ainda o sítio arqueológico do Olho D'Água, que se localiza entre Pocinhos-PB e o município de Olivedos-PB, onde foram encontrado urnas fúnebres de indígenas locais e que atualmente encontra-se no Museu de História Natural da Universidade Estadual da Paraíba de onde partiram as equipes de escavações. E, por fim, em termos de locais já escavados nós temos ainda o Sítio Arqueológico da Serra da Raposa, onde no ano de 1958 foram encontrados 22 esqueletos, que inicialmente acreditava se tratar de um

⁴ Ver figura 4.

cemitério clandestino, descobrindo-se posteriormente ser um cemitério indígena como podemos perceber nas palavras de Ribeiro (2013).

Em março de 1958, o agricultor Severino Alves encontrou vinte e dois esqueletos enterrados numa fumaça do Sítio Raposa. Na época, o fato foi tratado como um caso de polícia e como “mistério”, mas provavelmente se tratava de um cemitério indígena conforme pensou Leon Clerot que examinou o local. O uso funerário e mágico de tais lugares pode explicar o temor das populações locais em torno destes marcos, também chamados “pedras de caboclos”(RIBEIRO, 2013, p.18).

O local já sofreu com diversas escavações de populares em buscas das lendárias botijas, o que dificulta qualquer estudo científico. Além dos sítios escavados, no município de Pocinhos podemos encontrar ainda diversos locais que guardam gravuras e pinturas rupestres de grande relevância para o estudo de nossa cultura pré-histórica, mas também enigmáticas, como podemos observar no sítio arqueológico Corta Dedo, que se localiza próximo a BR-230 entre os municípios de Pocinhos e Boa Vista. Além de gravuras em baixo relevo, neste local é possível observar o que poderíamos interpretar com um rosto humano em alto relevo que nos faz despertar o imaginário como podemos observar na figura 5.

Figura 5: Sítio arqueológico Corta Dedo.



Crédito da imagem: Rafaela Barros.

Ainda sobre sítio arqueológico de gravuras rupestres podemos citar o sítio arqueológico Pedra da Cobra na comunidade Calbeira, entre Pocinhos e Algodão de Jandaíra. Neste sítio que será aqui melhor trabalhado, é possível observamos a presenças de duas grandes cobras além de alguns outros grafismos indecifráveis, todos em baixo relevo e que encontra-se no leito de um rio temporário.

E para falarmos em pinturas rupestre temos entre os mais conhecidos, mas de difícil acesso a Serra do Padre Bento, onde podemos encontrar pinturas na cor vermelha chamando a atenção para a presença de animais marinhos como polvo e tubarão (figura 6). Além da Serra

de Padre Bento encontramos ainda em Pocinhos o sítio arqueológico Cabeça do Boi com a presença de cenas de caça como podemos observar na imagem abaixo (figura 7). E por fim o sítio arqueológico Pedra do Tatu (figura 8) localizado na comunidade Juá entre os municípios de Pocinhos-PB e Olivedos-PB, onde é marcante a presença de animais e em especial do que pode representar um grande tatu.

Figura 6: Sítio arqueológico Serra do Padre Bento.



Credito da imagem: Eduardo Araújo.

Figura 7: Sítio com pinturas rupestre Cabeça do Boi.



Credito da imagem: Foto encontrada no blog Pocinhos em Destaque.

Figura 8: Sítio arqueológico Pedra do Tatu.



Crédito da imagem: Juvandi de Souza Santos.

Estes são alguns dos sítios arqueológicos que podemos elencar atualmente, mas sem dúvidas existem muitos outros espalhados pelo vasto território rural do município e que esperam para serem descobertos, estudados, conhecidos e preservados. Podendo desta forma afirmamos que: Pocinhos é sim um município rico em sítios arqueológicos a serem estudados e conhecidos pela própria população, que os desconhece.

2.3 OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA PEDRA DO TATU E PEDRA DA COBRA: DUAS OCORRÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS NO AGRESTE DA PARAÍBA E SEU ENQUADRAMENTO DENTRO DA TRADIÇÃO E ESTILO

A comunidade denominada Calberia, se localiza na zona rural do município de Pocinhos-PB à 20 Km da área urbano deste município e a aproximadamente 13 Km do município de Algodão de Jandaíra-PB. Trata-se de uma área de fácil acesso sendo possível chegar a presente localidade seja pelo município de Pocinhos pela estrada, que liga este município a cidade de Barra de Santa Rosa, ou mesmo advindo da cidade de Algodão de Jandaíra. É nesta comunidade, que conta com pouco mais de vinte residências relativamente próximas umas das outras, que podemos encontrar em suas proximidades a presença do sítio arqueológico Pedra da Cobra, contendo gravuras rupestres que datam de aproximadamente entre 4 e 6 mil anos.

Como sabemos é comum encontrarmos não somente na Paraíba, mas em todo o Nordeste nas proximidades de leito de rios, permanentes ou temporários, ou mesmo de cacimbas, as enigmáticas inscrições rupestres gravadas nas pedras, estas feitas por meio de diferentes técnicas, seja picoteamento, meia cana, raspagem, alto relevo, pedra do sino e as pseudo-inscrições (SANTOS,2015). Desta forma, podemos encontrar no sítio arqueológico Pedra da Cobra, quatro diferentes gravuras rupestre, que encontra-se atualmente em bom estado de conservação, porém expostas a alguns riscos que trataremos mais a frente, sendo duas

grandes cobras, uma imagem em espiral, figuras geométricas não identificados e um grande número de capsulares espalhados por todos os paredões rochosos que compõem o sítio aqui estudado.

As gravuras rupestres do sítio Calbeira, foram produzidas em uma formação geológica contendo três grandes paredões rochosos de compostos de granitos que possivelmente foram gravados utilizando quartzo, ou outro tipo de rocha de elevado grau de dureza, que possui um grau de durabilidade maior que o granito e está também presente em grande número na região. Estes paredões rochosos estão dispostos um a direita, outro a esquerda e um terceiro posicionado entre os dois primeiros formando uma espécie de passagem para o rio temporário que ali passa na época das chuvas, e que por muito tempo funcionou como a fonte de água para serviços domésticos para as famílias da comunidade do Sítio Boqueirão durante as grandes secas dos anos setenta.

As gravuras rupestres encontradas no sítio Calbeira enquadra-se na chamada Tradição Itacoatiara, sendo caracterizadas pela presença nas proximidades de rios ou próximas de água. A cerca da Tradição Itacoatiara no Nordeste e em especial na Paraíba faremos uso das classificações criadas por Gabriella Martin, na qual sítios arqueológicos localizadas com proximidades e que possuem tradições e estilos semelhantes podem tomar como ponto de partida um sítio considerado referência, que no nosso caso será a `Pedra do Ingá, localizada no município do mesmo nome.

As gravuras rupestre aqui estudadas, são inscrições em baixo relevo com polimento com cerca de 1 a 2 centímetros de profundidade. As gravuras das duas grandes cobras possuem ainda a pigmentação por cima do registro na pedra, entretanto as demais não apresentam esta mesma característica. Entre as figuras que não receberam pigmentação, ou este foi retirado por meio de ação natural tendo em vista as fortes correntezas a que estão submetidas, estão as presentes figuras geométricas abaixo (figura 8), sendo como já foi afirmado anteriormente, todo os paredões rochosos marcado pela presença de capsulares, comuns na grande maioria dos sítios arqueológicos de Tradição Itacoatiara na Paraíba.

Figura 9: Gravuras rupestres presentes no sítio arqueológico Pedra da Cobra.



Crédito da imagem: Rafaela Barros.

Assim em meio a estas características também conhecidas como estilo que segundo Santos (2015, p. 48) “é a maneira particular de cada sítio ou de um conjunto de sítios arqueológicos de um nicho ecológico”. Podemos enquadrar o sítio arqueológico aqui estudado na Tradição Itacoatiara e subtradição Ingá a partir de uma série de características listadas por Santos (2015), já citadas acima.

Portanto, este que é um sítio arqueológico ainda em processo de catalogação e registro no IPHAN, carece de análises detalhadas e estudo de seu entorno, possibilitando não só a comunidade acadêmica respostas acerca de um período da história humana marcado por grandes lacunas, mas também valorizar o uso deste espaço na localidade como patrimônio histórico-arqueológico e como recurso metodológico de ensino, acerca da pré-história local.

Hoje o sítio arqueológico Pedra da Cobra, encontra-se em estado de conservação que requer atenções. Existem marcas de pichações produzidas a algumas décadas atrás, que tem como intenção a proibição da caça no local. Entretanto, estas se encontram no lado superior do paredão rochoso onde estão as gravuras rupestres. Além de estarem expostas as ações humanas, devemos ressaltar os possíveis danos causados pelo próprio efeito natural com a passagem das correntes de água no período chuvoso, contribuindo para o possível desaparecimento destas ao longo dos anos, sendo uma das gravuras submersas pela água que se acumula na passagem em que esta está localizada.

Assim, diante dos ricos aqui elencados e de tantos outros que podem contribuir para um possível desaparecimento de tais gravuras rupestres é necessário um longo trabalho a ser realizado não somente em busca do tombamento deste espaço pelos órgãos públicos responsáveis, mas também e principalmente, o trabalho de educação patrimonial, tendo em vista que muitos dos atuais moradores das comunidades circunvizinhas não conhecem estes espaços e principalmente a sua importância para a história e pré-história paraibana e as possibilidades de respostas colhidas através de estudos ali realizados.

Permanecendo assim, em desconhecimento pelos novos moradores e as novas gerações, como também expostos a possíveis depredações, ressaltando o fácil acesso deste sítio arqueológico. Este que pode apresentar-se como possível elo para a criação de um sentimento de identidade local, construído a partir das heranças deixadas pelos “antigos moradores”, reconhecendo-se assim os atuais moradores como descendentes de um mesmo grupo, de um mesmo povo, passando a viver possivelmente e cultivar os verdadeiros signos de uma comunidade.

2.4 A ANÁLISE DAS PINTURAS E GRAVURAS RUPESTRES

Através dos estudos destes registros deixados pelas sociedades pré-históricas, é possível analisar vários fatores que elucidam como estes homens viviam (SANTOS, 2014). E é buscando pensar um pouco acerca do ambiente em que os homens pré-históricos viviam que buscamos estudar os registros deixando por estes em nossas regiões. Portanto, nos dedicaremos aqui a analisar as forma imagéticas representadas nas pintura Rupestre da Pedra do Tatu de as gravuras Rupestres na Pedra da Cobra no município de Pocinhos.

Figura 10: Painéis com pintura rupestre do sítio arqueológico Pedra do Tatu, Pocinhos, Paraíba.



Créditos da imagem: Rafaela Barros.

Como podemos observar nas imagens trata-se de uma grande paredão rochoso que se encontra em uma elevação do terreno de onde podemos observar todo o entorno da região, podendo representar um lugar estratégico que permitia a aglomeração de grupos de caçadores e coletores em meio a ambientes hostis. As pinturas apreendem em sua totalidade⁵

⁵ Até o presente momento ainda não foram identificadas figuras policromáticas, mas que podem vir a serem identificadas por meio da realização de novas pesquisas.

monocromáticas na cor vermelha. Algumas podemos supor que se trate de animais que existiram e ainda existem na região a exemplo do tatu em um tamanho elevado, que poderíamos pensar a existência de tatu gigantes na região. Ao lado do tatu podemos observar a figura de uma objeto com três pontas que poderia representar algum tipo de lança para caçá-lo.

Na segunda imagem outras figuras vão apreciando posta de forma estática não podendo afirmar que se trate de uma mesma cena, a exemplo de uma figura que assemelha-se a uma cruz, mas que pode se tratar de uma lança. Ao lado desta podemos observar o que poderia representar o órgão genital feminino representando fertilidade, mas a direita uma figura ondulada que poderíamos considerar a presença de águas, já na parte inferior do rochedo passam correntezas das águas das chuvas. Podemos observar ainda a presença de vários pontinhos, que entre outras coisas podem representar uma espécie de contagem, que poderiam representar a quantidades de membros da tribo, além da presença marcando de várias marcas de mão em tamanhos pequenos o que podendo pensar ter se tratado de um ritual de iniciação de meninos caçadores. Outras figuras vão sendo encontradas nos paredões aos longos das observações como podemos citar a figura de um animal quadrupede aparentemente de pequeno porte retratado na parte inferior do rochedo com suas patas para cima o que pode significar que este teria sido abatido. Estas foram interpretações realizadas por meio da análise das figuras levando em consideração a flora e fauna da região, sem deixarmos de considerar a possibilidade de extinção de alguns animais. Sendo a Pedra do Tatu passível de muitos estudos posteriores⁶.

Além do sítio arqueológico Pedra do Tatu, buscamos neste trabalho pensar as gravuras rupestre do sítio arqueológico Pedra da Cobra (figura 10), este que assim como a grande maioria das itaquatiras do Nordeste brasileiro encontra-se no leito de um rio atualmente temporário e que guarda os registros de gravuras em baixo relevo. Como o próprio nome do sítio retrata, em um conjunto de vários paredões rochosos podemos observar em tamanho considerável a representação de duas grandes cobras escupidas na rocha e pintada por cima, o que pode sugerir que a pintura teria sido feita por povos mais recentes, sendo as itacoatiras mais remotas.

Figura 11: Representação de uma cobra gravada na rocha no sítio Pedra da Cobra, Pocinhos, Paraíba.

⁶ Não deixando de destacar os estudos realizados por Anne-Marie Pessis (2003) e suas reflexões acerca dos perigos de interpretar as pinturas rupestres, segundo ela “as pinturas rupestres são uma porta de entrada para o conhecimento da vida na pré-história, mas devem ser observadas com olhar que permita ir além do mostrado, sem interpretações infundadas”, assim como nos chama a atenção acerca das particularidades étnicas destas pinturas, como sendo resultado de significações simbólicas de determinadas etnias buscando respostas para os questionamentos humanos e que grafismos morfológicos não reconhecíveis hoje tiveram suas significações perdidas no tempo. E tentar interpreta-los podem ocasionar erros gravíssimos.



Crédito da imagem: Rafaela Barros.

A presença desta duas grandes cobras renderam ao local lendas misteriosas da existência de um tesouro que estaria escondido dentro da rocha e poderia ser aberto por meio do uso da chave, esta que seria uma outra inscrição rupestre em forma de espiral. Tesouro este guardado nas chamadas gavetas uma outra inscrição rupestre. Com excessão das cobras, as outras gravuras não nos possibilita a interpretação, mas nos fazem questionar: Teria sido a lenda criada por meio das observações das gravuras, ou as gravuras seria o retrato desta lenda, pensada em um ambiente que além de sua beleza natural, nos passa um ar misteriosos devido seu formato circular que nos lembra uma passagem, passagem essa utilizadas pelas águas do rio temporário e que servia de cacimba em épocas de secas, este líquido tão precioso para qualquer ser vivo (figura 11 e 12).

Figura 12 –Gravura no sítio arqueológico Pedra da Cobra. **Figura 13** -Gravura no sítio arqueológico Pedra da Cobra.



Crédito da imagem: Rafaela Barros.



Crédito da imagem: Rafaela Barros.

Desta forma, partimos a pensar a lenda atrelada ao sítio arqueológico da Pedra da Cobra por meio da utilização da fonte oral, assim como outras lendas existentes nesta comunidade acerca da presença de cobras gigantes. Buscando perceber até que ponto este sítio arqueológico nos retrata os signos de seu cotidiano e como estas lendas são vistas e disseminadas pelos moradores da comunidade local.

3 OS MITOS E AS LENDAS ENQUANTO HISTÓRIA: O QUE É MITO?

Durante o século XIX ocorre uma verdadeira corrida entre as ciências para por meio de experimentos comprovarem a cientificidade de suas teorias até então desenvolvidas teoricamente. Desta forma, a história por meio de seus métodos de pesquisa, passa a buscar a comprovação de suas narrações históricas buscando comprovar ser a história também uma ciência. A partir de então vemos ganhar força a chamada Escola Metódica e o seu método positivista, sendo necessária a comprovação por meio de documentos escritos de qualquer obra que pretendia ser considerada ciência. Por outro lado, e em meio a este contexto, narrações míticas passaram a não serem consideradas ciência devido à impossibilidade de comprová-las por meios de documentos escritos.

Mas afinal o que é mito? Se buscarmos em diversos dicionários é possível encontrar a definição de que mito é uma narração fantasiosa que em sua maioria relata feitos heroicos, mas que pode ter um fundo de verdade, mas não podendo ser considerados como tal, transmitidos de forma oral ao longo das gerações. Por muito tempo os mitos foram utilizados para explicar fenômenos da natureza ainda não haviam sido desvendados por conhecimentos científicos, assim como para levar ensinamentos morais às gerações mais jovens. Segundo J. F. Bierlein em sua obra “Mitos Paralelos” assim define mito:

O mito é uma constante entre todos os seres humanos de todos os tempos. Os padrões, narrativos e mesmo os detalhes contidos no mito são encontrados em toda parte e na história de cada pessoa. Isto acontece porque o mito é uma herança compartilhada de memórias ancestrais, relatada conscientemente de geração para geração. Os mitos podem até mesmo ser parte da estrutura da nossa mente inconsciente, possivelmente codificados nos nossos genes (BIERLEIN, 2003, p. 20).

Desta forma podemos encontrar mitos semelhantes em diversos lugares do mundo, entretanto podemos afirmar que a maioria dos mitos estão atrelados a cultura grega e romana, que narravam através destes os feitos de seus heróis assim como a constante presença de deuses e deusas em suas narrativas míticas. Atualmente na cultura ocidental podemos encontrar diversos símbolos advindos de mitos grego-romanos a exemplo de palavras de nosso vocabulário como: museu, que advém de musas, nike o nome da deusa grega da vitória, vulcanizada que é derivada de Vulcano o deus romano patrono da metalurgia, entre outros termos e práticas signos da cultura ocidental que se originaram da mitologia antiga.

Entretanto, se no século XIX os mitos e informações históricas não comprovadas por meio de documentação escrita foram desconsideradas como parte da história, com o passar dos anos estas passaram a ser registradas devido a impossibilidade de negar a sua existência, assim como por serem estas parte da vida cotidiana de alguns povos. Por outro lado, além dos mitos

mais característicos das civilizações antigas, não poderíamos deixarmos de citar a existência das lendas existentes em diversos países. Mas o que seriam lendas? Como Surgem? E qual a sua distinção entre lendas e mitos?

3.1 O QUE SÃO LENDAS? COMO SURGEM?

Assim como os mitos, as lendas são narrações contadas oralmente acerca de determinados fatos, mas que não podem ser comprovadas cientificamente. Estas que podem está atreladas a fenômenos da natureza, surgimento de comunidades e cidade, ou ainda a própria cultura material a exemplo de inscrições rupestres entre outras. Jean Pierre Bayara (2002) em sua obra História das Lendas destinge lendas e mitos como:

O mito é uma forma de lenda; mas os personagens humanos tornam-se divinos; a ação é então sobrenatural e irracional. O tempo nada mais é do que uma ficção. Na realidade, essas categorias se embarçam e os mitos são de uma infinita variedade; relaciona-se com às religiões, são cosmonômicos, divinos – ou heróicos. As lendas, como personagens mais modestos, fazem evoluir mágicos, fadas, bruxas, que, de uma maneira quase divina, influem nos destinos humanos (Bayara, 2002, p.11).

Segundo Bayara (2002) as lendas se apresentam de forma mais simples com a presença de personagem em sua maioria com características humanas ou com poderes sobrenaturais, que se apresenta para influenciarem nos destinos humanos. Desta forma, podemos afirmar que as lendas são fruto da ânsia humano por melhores condições de vida, são fruto de um inconsciente que busca novas condições que na realidade se apresentam como impossíveis, mas que por meio dos acontecimentos lendários seriam possíveis. Bayara (2002) defende que:

O homem infeliz torna-se poderoso. A pastora bela e incompreendida, desposa um príncipe encantado; o sapatinhos perdido, emblema de sua beleza é cultuado na Índia. As mulheres, prisioneiras dos hábitos, vivem sobre a dependência do homem: as princesas terão liberdade e o rei será passivo. O subconsciente criou uma “supercompensação” para os nossos sentimentos de inferioridade (BAYARA, 2002, p.15).

Assim, podemos afirmar que as lendas estão sempre atreladas a fatos da realidade, sejam do consciente, inconsciente ou materiais, mesmo que estas não possam ser comprovadas como reais, não deixam de carregarem consigo um certo teor de verdade, de acontecimentos desejados ou reais.

Não é possível afirmarmos quando e onde de fato as lendas começaram a surgir, porém, segundo BAYARA (2002) elas começaram a serem registradas na Índia, mas assim como já foi relatado acima, apesar de em cada região do mundo as lendas apresentarem signos das culturas

locais, estas não deixam de apresentarem diversas semelhanças, mesmo em lugares muito distante. Além disso, não poderíamos deixar de lembrar que estas foram passadas de forma oral estando vulneráveis a muitas modificações. Atualmente, a grande maioria dos países possui o registro de suas lendas como parte integrante de suas culturas a exemplo das lendas folclóricas brasileiras.

As lendas brasileiras, assim como seu povo, representam uma verdadeira mistura. Nossas lendas foram constituídas por narrações advindas da cultura indígena, africana e portuguesa, mas não deixa de apresentar semelhanças com lendas de outros povos. Porém esta mistura de lendas, proporcionou ao folclore brasileiro narrações únicas, que atualmente são difundidas nas escolas de ensino fundamental, em especial no mês de agosto, quando se comemora o folclore brasileiro. Por outro lado, estas foram muito difundidas a partir das obras infantis do autor Monteiro Lobato “O Sítio do Pica-pau Amarelo”, nas quais o autor inclui as lendas do nosso folclore.

Portanto podemos afirmar que “as particularidades locais, muitas vezes morais, fornecem preciosos ensinamentos sobre o povo e sua maneira de pensar” (BAYARA, 2002). Podemos citar como exemplo a lenda do Boto Rosa, difundida principalmente na região Amazônica, que consiste em um boto que nas noites de lua transforma-se em um belo rapaz com um chapéu branco que lhe cobre o furo na cabeça, para dançar no forró encantando com as meninas e as deixando grávidas. Acredita-se que esta lenda teria surgido no momento em que muitas mocinhas solteiras começaram a aparecer grávidas justificando sua gravidez como sendo do boto. Assim, a lenda do boto se apresenta não como um ensinamento moral, mas como solução para um problema não só moral, mas também social.

Entre outras narrações lendárias, que apesar de não poderem ser comprovadas como verdadeiras, estão sempre atreladas a acontecimentos das comunidades a que são difundidas, sejam estes frutos de realidade sociais ou frutos do imaginário. Partiremos agora para pensar a Lenda da Cobra no Sítio Calbeira do município de Pocinhos-PB, que está veiculada ao sítio arqueológico Pedra da Cobra, buscando perceber a relação existente entre este patrimônio material ali posto com a lenda difundida na comunidade.

3.2 A LENDA DA COBRA NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA DA COBRA E AS PINTURAS DE CABOCO BRABO NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA DO TATU

Após pensarmos um pouco acerca dos mitos e das lendas, como surgem e quais as suas semelhanças e distinções, partiremos agora para refletir acerca do nosso terceiro objeto de estudo que é a Lenda da Cobra, veiculada ao sítio arqueológico Pedra da Cobra na comunidade de Calbeira, em Pocinhos-PB. Este sítio, que como aqui já foi explanado no presente trabalho, conta em seu conjunto de gravuras rupestres em baixo relevo com duas grandes cobras gravadas nos paredões rochosos deste sítio. Entretanto, além deste achado, também existe nesta comunidade e nas comunidades vizinhas a crença na aparição de um ser mágico naquele local.

Segundo a lenda, no local existe um tesouro que está escondido dentro dos paredões rochosos e que uma cobra gigante aparece no local com uma chave na boca, esta chave que seria a figura em espiral também gravada na pedra, e que quem conseguir pegar a chave abrirá as gavetas onde estaria escondido o tesouro. Estas gavetas que seria dois retângulos que estão gravados mais ao interior do sítio, em um local de difícil acesso e por onde as águas do rio temporário encontra passagem.

Esta lenda é difundida na comunidade por aqueles que já visitaram o local, tendo em vista que as novas gerações em sua maioria desconhecem a sua existência, sendo esta lenda presente no imaginário da geração atualmente a partir de 20 anos de idade. Mas afinal, porque foram gravadas as figuras destes répteis naquele local? Qual a relação existente entre estas gravuras e a passagem das águas, já que assim como as águas as cobras rastejam em movimentos ondulares. Ou estas gravuras na verdade seria fruto da existência de grandes cobras naquele ambiente? Mas e as outras gravuras, teriam sido produzidas para retratar a lenda ou a lenda seria fruto destas?

Porém, não poderia deixar de retratar ainda a existência de outra lenda vinculada as terras vizinhas ao sítio arqueológico Pedra da Cobra, acerca da aparição de cobras gigantes que já atacaram moradores ainda “vivos atualmente”. Segundo relatos, enquanto um morador trabalhava cortando lenha em uma serra denominada de Boa Vista, encontrou uma cobra gigante que o atacou, e mesmo depois de ter reagido não ganhou a luta para a cobra sendo obrigado a fugir para não ser engolido pelo animal. Outros trabalhadores também comentam acerca da existência de cobras gigantes na conhecida serra, porém nunca nada foi confirmado. Entretanto, trata-se de mais uma lenda envolvendo répteis gigantes em uma região relativamente próxima, que é cortada pelo mesmo rio temporário.

Por outro lado, temos os relatos populares acerca da produção das pinturas rupestres na Pedra do Tatu. Segundo moradores o local em que se encontra estas pinturas, que fazem parte de um conjunto de serras, teria sido morada dos chamados caboco brabo, como são conhecidos os indígenas na região. E estas pinturas seriam resultado do tempo em que as serras eram habitadas por estes, que em algumas falas são vistos como bichos do mato, que dificultavam a criação de rebanhos, em especial de caprinos, na região. Sendo identificado como maior precisão, nas interpretações locais, em meio ao painel de pinturas rupestres a presença da figura do “peba” (tatu), que inclusive dar nome ao sítio arqueológico. Assim como a narração de um massacre de indígena no mesmo local, na qual foi capturada uma caboca braba ainda criança, e presa em uma casa de pedra onde a noite os seus pais na tentativa de resgata-la, foram também mortos. Esta criança, teria sido “domesticada” e acabará casando com um senhor chamado Antônio Faustino, sendo seus descendentes ainda moradores na região e sua bisneta falecendo a aproximadamente cinco anos atrás.

Portanto, em meio a nossas fontes arqueológicas, temos ainda para responder algumas de nossas hipóteses levantadas o uso da fonte oral, buscando a versão dos moradores narradores destes acontecimentos, que não deixam de estarem ligados com o sítio arqueológico da Pedra da Cobra e Pedra do Tatu, assim como como a suas interpretações acerca daquelas inscrições que fizeram parte do cotidiano de algumas gerações nesta comunidade.

4 A LENDA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA DA COBRA E DO SÍTIO DA PEDRA DO TATU AOS OLHOS LOCAIS

Partiremos agora a pensar a relação existente entre o sítio arqueológico Pedra da Cobra, por meio de sua lenda e sua relação com a composição do local em que encontra-se este sítio arqueológico. Para tanto faremos uso de uma entrevista⁷ concedida por um antigo morador, hoje residente no Sítio Boqueirão de Pocinhos que fica a cerca de 3 km do local, o senhor de 66 anos Sebastião Barros da Silva. Nosso entrevistado foi questionado acerca do conhecimento do local aqui estudado, sobre a lenda veiculada a este espaço, quem seria os responsáveis pelas inscrições, entre outras perguntas que estaremos trazendo ao longo de nossa reflexão.

Como já foi relatado acima acredita-se que no sítio arqueológico Pedra da Cobra há aparições de uma cobra gigante que com uma chave na boca, a qual oferece o tesouro existente escondido no interior da rocha a quem aparecer. Porém o visitante terá que retirar a chave de

⁷ Entrevista concedida em maio de 2019;

sua boca, para poder abrir as chamadas gavetas onde está guardado o tesouro. Esta trata-se de uma antiga lenda local como podemos perceber no relato de nosso entrevistado que ao ser perguntado se conhecia o local responde *“Nasci e me criei dentro de Caibêra, pá num sabê”*. Enfatiza ainda que seus antepassados já conhecia o local a muito, e que alguns chegaram a procurar o referido tesouro, mas nada encontraram *“Já, muita gente que já foi atraí, mas nunca tem a oportunidade de achar, né? Desde o tempo do meu avô... que aquilo foi do tempo de vovô”*.

Desta forma podemos perceber que existiu em uma determinada época uma forte crença de que este tesouro estava ali escondido. Acreditava-se que em algum momento ele seria entregue para algum sortudo que por ali aparecesse, isto fica bem explícito quando o Sr. Sebastião relata que *“A lenda da cobra é a da peda, né? Ninguém sabe qual o ano que vai aparicê pra entregá a chave pra abrir o tisôro, que o tisôro é guardado na peda”*. Podemos perceber que o tesouro de fato existe no imaginário de nosso entrevistado, mas não se sabe quando será entregue, pois isto depende da ação da cobra que representa uma verdadeira guardiã do mesmo.

Por outro lado, ao ser perguntado quem teria deixado aquelas inscrições nas rochas o Sr. Sebastião responde que seria inscrições indígenas *“É, é verdade que é, foi do tempo dos índios, né?... que aquilo quem fêis foi os índio”*, porém não poderia deixar de destacar que este senhor participou atualmente de visitaçãõ com pesquisadores vinculados a Universidade Estadual da Paraíba e que sua fala pode também ser resultado do aprendizado por meio do contato com estes pesquisadores, podendo ser percebido pela forma como o nosso entrevistado busca uma certa concordância de sua entrevistadora ao afirmar sua opiniãõ e pergunta *“né?”*.

Mas afinal teria sido então os índios que esconderam o tesouro na rocha? Não teremos por meio desta entrevista a opiniãõ de nosso descritor para o presente questionamento. Entretanto, ao ser mais uma vez perguntado de as inscrições aqui tratadas não seria resultado de ações de seres sobrenaturais o Sr. Sebastião reafirma com certeza que *“Não, aquilo foi os índios mermo. Era os índio que morava nas mata que fazia... com o sangue do animar”*, fazendo relaçaõ com as pinturas sobre as inscrições das cobras e outros sítio arqueolõgico de pinturas rupestres existente na localidade.

Assim o Sr. Sebastião nos fez perceber, que aquele era um espaço muito conhecido principalmente pela geraçaõ que tinha como principal fonte de renda o sisal, por se tratar aquele

local de uma plantação de agave sendo frequentes as grandes secas “*Sabe, todo mundo que entendeu, que trabaia aí em redor, todo mundo sabe que tem*”. Desta forma, aquele que no período de chuvas é um rio, no período da seca se transformava em uma cacimba, onde os candangos de motor poderiam encontrar o precioso líquido, a água. E que devido ao solo propício e a grande rocha que produz sombra no local (onde é de passagem das águas), quando a água brota na superfície o espaço se transforma em um excelente reservatório com baixa evaporação.

Por fim, e diante da comercialização de rochas na região para produção de paralelepípedos perguntamos ao Sr. Sebastião se em sua opinião aquelas inscrições deveriam ser preservadas e ele nos responde “*É importante ficar, né? que é do tempo do começo do mundo!*”, sendo possível percebermos que para este senhor aquele espaço representa de certa forma um símbolo de uma história remota, uma história que não deixa de ser a sua também diante das lendas, estórias e experiências ali vivenciadas. Partindo assim após os relatos de nosso entrevistado a pensar que relação podemos elencar entre o tesouro lendariamente ali existente a importância da água de dali brota em tempos difíceis.

4.1 A RELAÇÃO DA EXISTÊNCIA DO “TESOURO” COM A PRECIOSIDADE DA ÁGUA NO SEMIÁRIDO NORDESTINO.

Como podemos perceber no tópico acima, para além de ser um sítio arqueológico com gravuras rupestres passíveis de estudos preciosos sobre os povos indígenas locais, por muitos anos aquele espaço representou também uma esperança preciosa em tempos de prolongadas secas. Não são poucos os relatos de moradores mais antigos, que faziam uso da água que dali brotava por meio de escavações para saciar a sede, lavar roupas, tomar banho, entre outras necessidades atendidas por meio do líquido que dali saía. Algumas das narrações da lenda da cobra, são fruto das visitas ao local para buscar água ou na lavagem de roupas.

Por este motivo partimos a pensar, até que ponto podemos relacionar a preciosidade da água ali existente, que parecia sair de dentro das rochas, em tempos que se percorriam quilômetros até chegar a suas fontes, com o tesouro guardado pelas cobras ali gravadas? Será que podemos afirmar que as gavetas nada mais eram do que as portas do céu, que ao serem abertas forneciam o maior dos tesouros desejado naqueles tempo para ricos e pobres? Quem já visitou o semiárido nordestino com certeza já percebeu que sobre o calor do sol escaldante do interior nordestino, o melhor dos tesouros com certeza é água.

Portanto, fiquemos a refletir se a lenda da cobra vinculada ao sítio arqueológico Pedra da Cobra fora criada a partir das observações de visitantes das inscrições rupestres deixadas por povos remotos, fazendo uso de cada figura ali representada para compor a lenda, ou na verdade seria fruto de valores construídos para com a água, pensada como tesouro a partir das vivências locais em tempos de grandes secas. Enfim, não estamos aqui enquanto historiador para apontar qual a lenda mais coerente ou a hipóteses que melhor responde a determinados questionamentos, mas para apontar que o patrimônio está ali posto e diante dele várias gerações já passaram deixando suas impressões por meio do imaginário popular.

4.2 A LENDA DA COBRA E SUA RELAÇÃO COM A FAUNA LOCAL

No último tópico buscamos pensar a existência do sítio arqueológico Pedra da Cobra, a lenda atrelada a este espaço e algumas estórias existentes na localidade acerca de vivências naquele espaço. Por outro lado, não poderíamos deixar de pensar o significado e quais os possíveis motivos para representar de forma tão exposta aqueles répteis nos presentes paredões rochosos. Sem dúvidas podemos pensar quais os motivos para o registro destas cobras.

Como foi colocado mais acima, as cobras assim como as águas representam movimentos ondulares, sendo assim não nos seria estranho se estas estivessem representando o curso das águas, que por ali passam. Porém, não poderíamos deixar de destacar a presença marcante de relatos envolvendo aparições destes répteis em tamanhos assustadores para os moradores locais. Estórias como a do senhor Beto que ao trabalhar cortando, lenha se depara com uma grande cobra, em uma localidade chamada Serra da Boa Vista, e ao tentar abatê-la percebe a sua fraqueza diante do animal e resolve fugir do local.

Muitos moradores contam relatos da existências destes répteis gigantes nestes mesmo local, mas afinal qual a relação destes relatos com nosso objeto de estudo? Se considerarmos que estes espaços estão localizados relativamente próximos, poderíamos supor, que estas inscrições seriam o “retrato” do que na época era possível encontrar na fauna da região, não deixando de destacar que a temporalidade das aparições da cobra gigante ao senhor Beto, é muito mais recente do que a produção das inscrições aqui estudadas

4.3 O DESCONHECIMENTO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA DA COBRA PELAS NOVAS GERAÇÕES.

Após enquadrarmos os sítios arqueológicos aqui estudados em tradições e estilos baseado em estudos como o de Gabriela Martin (1993) e Juvandi Santos (2015), descrevê-los, pensar a relação de um destes espaços com lendas locais aos olhos de uma morador da comunidade e com a fauna local, é chegara a hora de nos perguntar de fato como este espaço, que foi muito utilizado por gerações passadas é visto pelas gerações atuais. Qual o valor atribuído a estes locais e as possíveis implicações para o futuro destes registros rupestres.

Foi com desanimo que podemos constatar que a grande maioria dos jovens da comunidade desconhecem até mesmo a existência destes locais e conseqüentemente dos registros ali gravados. Se as gerações passadas frequentavam estes espaços por necessidades econômicas e hídricas, com o declínio do sisal e o avanço de novas tecnologias a exemplo do abastecimento de água por meio de carro pipa, fazem com que muitos jovens rurais desconheçam as terras que circundam suas casas, assim como as riquezas que estas guardam. É possível percebermos ainda que as antigas brincadeiras que antes se davam em meio as matas, atualmente se restringem as telas do celulares e por mais que a maioria dos adolescentes e jovens hoje tenha acesso ao Ensino Fundamental II e Ensino Médio, onde em suas aulas de história conheceram a existência e importâncias dos sítios arqueológicos, não chegam a saber que possuem em sua comunidade estas fontes.

Desta forma, é possível afirmar que pouco ou nenhum sentimento de pertencimento vem sendo construído nas novas gerações para preservação dos sítios arqueológicos ali existentes, sendo necessário ações de conscientização iniciada na própria escola da comunidade, garantindo assim que mais pessoas saibam de sua existência e sejam, em uma visão bem otimista, responsáveis por preservar aqueles patrimônios, não deixando que se transforme e paralelepípedos para compor o calçamento de cidades paraibanas.

5. AS LENDAS E MITOS ACERCA DA PEDRA DO TATU

Pensem agora o sítio arqueológico Pedra do Tatu e sua relação com as lendas contadas na comunidade acerca destas inscrições rupestres. Para tanto faremos uso de uma entrevista concedida pelo senhor Otavio Faustino de Castro, antigo morador no sítio Juá Pocinhos-PB, onde está localizado a Pedra do Tatu, refletindo acerca de suas impressões sobre o local e as

imagem ali encontradas e suas narrações acerca do caboco brabo que viviam na serra do sítio Juá.

Como foi pontuado acima, as terras que hoje se encontra o sítio arqueológico Pedra do Tatu, eram habitadas pelos chamados caboco brabo que além dos animais da fauna local, também passaram a consumir as criações de caprinos e ovinos dos “proprietários de terras” que adentravam as serras como nos relato o Sr. Otávio “Isso era caboco brabo que tinha ai, nessa serra ai, ai num se criava um bode, num se criava uma ovelha, eles matavam e comia, era cás as frecha”. Estas atitudes passaram a desagradar cada vez mais os criadores, que iniciaram uma verdadeira caçada aos caboco brabo, como podemos observar nas palavras de nosso entrevistado.

Isso ai, essa serra ai, daquela peda pro serrote do bode, era coisa de caboco brabo. Vivia os caboco brabo na serra. Ai a vó de Preta, da muér de Onton Fostino foi pegada a casco de cavalo aculá dento. Uma menininha deste tamanho, ai a menininha gritando de noite: mamã, mamã, mamã... gritando ai os caba foram de pontinha de pé e mataram o caboco véi, pai dela, e a índia véia (Entrevista concedida pelo senhor Otávio em 24//04/2020).

Com o passar do tempo a “menininha”, citada pelo Sr. Otávio, teria sido inserida em uma outra cultura e posteriormente casado dando início ao processo de miscigenação que a muito conhecemos. Atualmente alguns de seus descendentes ainda são residentes locais e contam está estória quando questionados sobre a existências daquelas pinturas rupestres. Estes que possivelmente seriam os últimos a serem dizimados, teria sido segundo nos relata o nosso entrevistado os responsáveis que produziram as pinturas que hoje podemos observar nos paredões rochosos do Sítio Juá.

Para além de quem seriam os responsáveis pelas inscrições aqui estudadas, perguntamos ao Sr. Otávio o que representavam para ele aquelas figura, sendo respondido que “Esse aqui esperece cum peba, o peba tatu, que chama o peba verdadeiro, e essa aqui é a mão do índio, que foi quem desenhou a coisa na peda”. Desta forma podemos afirmar que nosso entrevistado deixa claro que se trata de inscrições produzidas por índios, enfatizando inclusive as marcas das mãos. Ao ser questionado qual teria sido as motivação para registrar em destaque o tatu responde “Porque é bicho do mato que eles criavam mais, matava pra cumer”. Sendo possível afirmarmos, partindo do relato de nosso entrevistado, que há uma consciência de que este animal teria sido retratado devido a sua existência no local e a ralação predatória entre os indígenas e está caça.

Mas diante disso não poderíamos deixar de questionar nosso entrevistado de qual teria sido a intenção daqueles cabocos brabo ao retratarem aquelas cenas nos presentes paredões rochosos, e ele nos responde com tom e expressão de informação óbvia “*Pra deixar feito, pra deixar na história*”, como se deixar os registro do cotidiano fosse algo comum. Assim, mesmo percebendo estes caboco brabo como bicho do mato, não deixa de admitir que eles faziam uso dos artefatos naturais com intencionalidades e também astúcias ao pensarmos seus relatos acerca da captura de bodes e ovelhas. Desta forma, por mais que estes indígenas não tenham resistido a brutalidade humana e ambição por ter cada vez mais, os seus registros ficaram postos para entrarem na história, como nos coloca o Sr. Otávio Faustino.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao fim de nosso trabalho com o sentimento de ter semeado nas terras muitas vezes áridas da produção acadêmica, nossas contribuições para o estudo das populações pré-históricas locais e em especial para com a pré-história do município de Pocinhos-PB, que como podemos apresentar, apesar de rico em ocorrências arqueológicas ainda carece de maiores estudos e aprofundamento acerca não só de sua pré-história, mas também de sua história, que ainda permanece sendo escrita muitas vezes por indivíduos que deixam de fazer uso das ferramentas utilizados por historiadores. E não estou aqui me referindo as fontes históricas, mas ao olhar treinado do historiador que busca perceber por trás dos personagens os acontecimentos históricos e não as personalidades mais marcantes.

Assim, parafraseando Albuquerque Júnior (2019) em sua obra “O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da história”, o que somos nós historiadores se não artesões de acontecimentos históricos que não em processos fabris, mas em uma espécie de ateliê constroem suas narrações histórica. Busquei desta forma me debruçar sobre os Sítios Arqueológicos presentes na comunidade em que cresce, com objetivos de pensa-lo as luz de estudos que a muito vem sendo desenvolvidos, com o objetivos de torna-los mais um objeto de estudo para o campo da arqueologia local. Não deixando de pensar o imaginário existente acerca daqueles registros, podendo assim perceber, que muitas vezes as estórias que estão vinculadas as nossas vivências são frutos das necessidades humanas ou ainda estão atrelados a nossas experiências visuais ou físicas, como o contato com a fauna local.

Foi possível perceber ainda, que ao contrário das gerações hoje mais maduras, que mantiveram contato com estes sítios arqueológicos e que contavam e recontavam as lendas vinculadas aos registros pré-históricos ali existentes, as novas gerações em sua maioria

desconhecem a sua presença, correndo o sério risco que este imaginário/experiências outrora partilhadas na comunidades, sejam perdidas ao longo do tempo, assim como os próprios registros passem a sofrer não somente com os intemperes naturais, mas também com ações humanas sem conscientização.

FONTES DE PESQUISA

Sítios Arqueológicos Pedra da Cobra e Pedra do Tatu (Primária): No presente trabalho tivemos como principal objeto de estudo os sítios arqueológico Pedra da Cobra e Pedra do Tatu, localizados respectivamente no Sítio Calbeira e Sítio Juá, no município de Pocinhos-PB. Estes denominados como fontes primárias, foram analisados tendo em vista o seu enquadramento em tradição, estilo e sub-tradição, a luz de estudos desenvolvidos acerca de Pinturas e Gravuras Rupestre no Nordeste por pesquisadores como Gabriela Martin (1993) e Juvandi Santos (2015). São fontes ainda desconhecidas e passíveis de diversas análises, mas que em nossa pesquisa nos detemos a pensa-las em meio a tradição Agreste, tradição Itacoatiara e sub-tradição Ingá, nos permitindo enquadrar as gravuras Rupestres em um conjunto de gravuras semelhantes a Gravura de referência a Pedra do Ingá, e as pinturas encontradas no Sítio Arqueológico Pedra do Tatu como sendo pertencente a tradição agrestes com figuras estática e em grandes tamanhos.

Fonte Oral (Primária): Fizemos uso da fonte oral por meio de uma entrevista concedida pelo senhor Sebastião Barros da Silva, morador do Sítio Boqueirão de Pocinhos-PB, 63 anos; para pensarmos a *lenda da cobra* vinculada ao Sítio Arqueológico Padra da Cobra e sua relação com o espaço natural do local, assim como a fauna da região. Foi possível através dos relatos de nosso entrevistado colher as impressões do imaginário de uma determinada geração acerca de nossa primeira fontes.

Mitos Paralelos (secundária): Tivemos ainda como fonte o livro *Mitos Paralelos* de J. F. Bierlein (2003), para embasar nossas reflexões acerca do surgimento dos mitos e sua diferenciação em relação as lendas, tendo em vista a necessidade de trabalhar com uma lenda pertencente ao imaginário local acerca de uma dos Sítios Arqueológicos aqui estudado.

Livro Indícios de uma civilização Antiquíssima (secundária): O livro *Indícios de uma civilização Antiquíssima* de José de Azevedo Dantas publicado pela editora A União no ano de 1994, resultado de uma manuscrito do autor acerca de pinturas e gravuras rupestre do Nordeste

brasileiro, produzido com desenhos e riqueza de detalhes destas inscrições durante suas expedições entre os anos de 1924 e 1926 e posteriormente sua morte publicado, aparece em nosso trabalho como mais uma fonte para embasarmos nossas reflexões acerca das tipologias e tradições (enquadramento) de gravuras e pinturas rupestres por meio em especial da apresentação escrita pela pesquisadora Gabriela Martin em 1994, que traz o resultado de seus estudos acerca de achados como que que fora aqui estudado.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da história**/ Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Prefácio de Temístocles Cezar. – São Paulo: Intermeios, 2019.

BIERLEIN, J. F. **Mitos Paralelos**/ J. F. Bierlein; tradução de Pedro Ribeiro. – Rio de Janeiro : Ediouro, 2003.

CAMPOS, Luana Cristina da Silva Campos. Sítio Arqueológico. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2018. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4

DANTAS, José de Azevedo. **Indícios de uma civilização antiquíssima**. João Pessoa: A União, 1993.

MARTIN, Gabriela. A pré-história do Brasil no século do descobrimento. Apresentação e proposta. In: **Revista de Arqueologia**, [S1.], v.7, n.1, p.1-10. São Paulo, 1993. Disponível em: < <https://www.revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/91> > Acesso em 13 jun 2019

OLIVEIRA. Bismarck Martins. **O Padre X O Cangaceiro- 28 de novembro de 1914 (A última passagem de Antônio Silvino por Pocinhos - PB)** – João Pessoa: Mídia e Editora Ltda, 2019.

PESSIS, Anne-Marie. **Imagens da Pré-história**. Parque Nacional da Serra da Capivara. Imagens de la préhistoire; images from Pre-History. São Paulo: FUMDHAM/PETROBRÁS, 2006.

PENHA, Manoel Clemente da. **A epopéia do Sisal** – Filme Documentário - / Manoel Clemente da Penha – João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, 1998.

PINSKY, Carla Bassamezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

SANTOS, Juvandi de Souza. **Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?** Campina Grande, Paraíba. Cópias & Papéis, 2015.

VERGNE, Maria Cleonice de Souza et al. Pesquisa Arqueológica pautada na Tradição Geométrica: no território da Sub-Tradição Paulo Afonso. In: **Opará: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação.** v.6, n.8, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/opara/article/view/5099>> Acesso em 06 de junho de 2019.

ENTREVISTAS

Entrevista concedida pelo senhor Sebastião Barros da Silva 66 anos em maio de 2019.

Entrevista concedida pelo senhor Otávio Faustino de Castro 67 anos em 24/04/2020

AGRADECIMENTOS

Hoje estou chegando ao final de mais um curso, e é com grande alegria que posso olhar para trás e pensar, que diante de tantos obstáculos que poderiam me fazer desistir, está nunca foi uma opção para mim. Quebrei barreiras a ser a primeira de minha família a se formar, o que me deu ânimo para querer sempre mais. Estamos chegando bem perto de mais uma conquista, e quando digo “estamos” emprego em minha palavras a intencionalidade de lembrar de todas aquelas pessoas que contribuíram para mais essa conquista.

Quero agradecer a Deus por me conceder oportunidades que muitos de minha geração e lugar social não tiveram, e por ser sempre o meu alicerce quando o desânimo insiste em me atormentar. Quero agradecer a meus pais por me dar a vida e apesar de nunca ter podido me ajudar em atividades escolares por serem analfabetos, sempre fizeram o possível o para não me deixar faltar nada. Com o suor de suas peles avermelhadas do trabalho braçal no sol escaldante do cariri paraibano, criaram seus filhos e sempre me dão tanto orgulho do que eu sou, por espelhar-se neles. Quero agradecer ao meu esposo por ser tão paciente e companheiro e principalmente por todas as viagens para me levar e trazer altas horas da noite, mesmo diante de todos os perigos que corremos, e por aquelas noites que também passei fora de casa, mas que foram necessária para concluir todas as cadeiras do curso quase sem falta.

Quero agradecer ao meu orientador Juvandi de Souza Santos, desde suas aulas tão originais, por sua paciência quando o fiz caminhar horas sem direção em busca de um sítios arqueológicos que eram tão próximo, por sua disponibilidade em orientar-me mesmo em diante da pandemia do corona vírus, assim como por suas visitas a casa em que fui criada. Quero agradece-lo ainda por todas as vezes que me cobrou a produção do trabalho e por me responder sempre que precisei. Quero agradecer a professora Luíra por todos os seus esforço na criação e efetivação deste curso de especialização, junto com os demais professores, que sempre tiveram uma só objetivo, fazer o melhor possível.

Quero agradecer a minha amiga Vanuza Barbosa por mais essa parceria em dividirmos nossas angustias de transportes, dinheiro e prazos a cumprir, mas também mais uma conquistas. Enfim, sinto-me honrada em fazer parte da primeira turma da Especialização em História Local do NUPHEL, que tem entre os seus principais objetivos valorizar nossa própria história.